

AQUI E AGORA

Marilá Dardot

Hic et nunc (2002)

A mão direita escreve e a esquerda apaga imediatamente, palavra por palavra, de uma lista de verbos. Antes de completarem dez segundos sobre a lousa branca, os infinitivos desaparecem e são substituídos por novos. Essa ação em fluxo, de apagar e escrever, é a matéria principal de *Hic et Nunc* (2002), o primeiro vídeo de Marilá Dardot.

O desaparecimento, o apagamento e o esquecimento são elementos em geral estranhos ao regime da palavra escrita; são mais familiares à oralidade, que tem uma vida de transformação na transmissão boca a boca, como a respiração. No trabalho de Dardot, em que o texto, a palavra, a literatura e o mundo dos livros são recorrentes, essa lógica comum nem sempre é operante. Em *Ir y Volver* (2019), o sol apaga o verso de Carilda Oliver "*a la esperanza vuelvo*", pintado com água sobre o muro. Em *Quanto É (o que Nos Separa)* (2015), os valores atribuídos a serviços e produtos, itens da manutenção da vida capitalista, são escritos por um cartazista profissional em cartolinas que são rapidamente substituídas, em um ritmo sufocante, conduzido também por um *chamador*, que narra os montantes e suas diferenças.

Nesses vídeos, especificamente, não são apenas a letra e a palavra que estão em jogo, mas a caligrafia – a coreografia da mão que desenha o escrito e a sua identidade. A vida do texto também é importante em outro aspecto interespecífico. Verbos, como *semear*, *plantar*, *cuidar*, tomam forma em trabalhos com plantas e jardins, como *Pensamento do Fora* (2002), *A Origem da Obra de Arte* (2002/2011) e *++* (2002), que escapam do *grid*, a linha que orienta o texto, e envolvem o ciclo de nascimento, vida e morte. A impermanência das palavras pode, então, também ser algo belo e complexo, distante do gélido cubo branco ou das páginas brancas.

Vinte e três anos nos separam do vídeo de Dardot, cujo título, em latim, significa "aqui e agora". *Hic et Nunc* funciona como uma cápsula do tempo. Restitui o momento em que foi feito – seja por ser gravado em plano-sequência, sem cortes, e revelar pequenos gestos, como algumas rápidas hesitações, pequenas retificações na caligrafia; seja pelas marcas do tempo nos verbos que estão representados, que operam as máquinas do trabalho da artista e refletem o debate público de então. Destacam-se, por exemplo, os verbos *devir* e *desterritorializar*, notáveis referências a Deleuze e Guattari.

O ano de 2002 é significativo para a produção de Dardot. Além dos trabalhos, estava em curso a sua pesquisa de mestrado, intitulada *A de Arte – A Coleção Duda Miranda*. Nela são discutidos temas como o sistema artístico, originalidade, autoria, valor de troca e de uso de uma obra, o colecionismo e princípios fundamentais da arte contemporânea, como a democratização da arte e do artista, expressos por Joseph Beuys, Marcel Duchamp e Hélio Oiticica. A forma de abordagem é extraordinária:

ficcionaliza uma coleção de arte, em que uma pessoa reproduz obras que lhe tocaram, cujos materiais são acessíveis e reprodutíveis. Alguém que tem gosto pela experiência de refazer e ver refeito. Uma lousa branca, uma caneta, uma lista de verbos, uma câmera. Poderia Duda ter reproduzido *Hic et Nunc* e acrescentado-a à sua coleção?

Pensamento do Fora (2002), realizado no mesmo ano de *Hic et Nunc*, revisitado 20 anos depois, ganha outros nomes, como uma biblioteca em aberto, sempre pronta para se expandir. Como o *Livro de Areia*, de Borges, que dá nome a um dos seus primeiros trabalhos. Esse aspecto transparece no primeiro vídeo, no gesto do constante apagar e escrever sobre um objeto propício ao ensino tradicional – a lousa –, que também é presentificado ao receber a projeção do vídeo. Verbos como *desaprender*, *repensar*, *desorganizar*, *subverter*, *conversar*, *liberar*, *errar*, *compartilhar*, *arriscar*, *afetar* e *provocar* sugerem outra relação com a educação, mais horizontal e aberta ao acaso.

A permanência das palavras e das ideias também passa por aqui, me faz refletir sobre essa prática. Por este texto, passou o “aqui e agora” e a aura de Benjamin; o “isso foi” de Barthes; as mãos e as verbos, de Richard Serra; Rosalind Krauss falando da estratégia compositiva minimalista “*one thing after another*”; o elogio da mão de Henri Focillon; e o “aqui e agora” de Gil. Tudo isso foi escrito e apagado. Mas gosto de acreditar que, da mesma forma como alguns vestígios persistem na lousa, algo desses passados impregna o texto. A matéria principal é o eterno refazer.

Érica Burini

LIKE A VIRGIN: O PRIMEIRO VÍDEO A GENTE NUNCA ESQUECE é o programa que inaugura a Sala de Projetos Especiais da nova sede do Ateliê397. A proposta é mostrar as primeiras obras em vídeo de artistas e coletivos com dez ou mais anos de carreira. E, assim, investigar o início de uma recorrência ou de um desvio nessas trajetórias. Gestos iniciais são muito importantes para o Ateliê397, que se interessa pela experimentação e pela radicalidade nas artes. O primeiro vídeo é formativo para o artista, para o público e para a crítica. Talvez outros o ignorem, mas, aqui, o primeiro vídeo a gente nunca esquece.

LIKE A VIRGIN: O PRIMEIRO VÍDEO A GENTE NUNCA ESQUECE - 15.02 - 12.04.2025

ARTISTA
Marilá Dardot

CURADORIA
Érica Burini

REVISÃO
Ana Elisa Camasmie

COMUNICAÇÃO VISUAL
Tattoo de Parede

ATELIÊ397

GESTÃO
Bruna Fernanda, Érica Burini, Jeane
Gonçalves, Tania Rivitti, Thais Rivitti

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Jeane Gonçalves

DESIGN
Livia Nishibe

REALIZAÇÃO



Ateliê 397

APOIO

alireu